

R. C. Zímmerrl'

# *Dor & Amor*

**1ª Edição**

**São Paulo**

**Edição do Autor – Versão Especial – E-Book**

**2009**

**Todos os Direitos Reservados**

Se desejar copiar alguma das poesias aqui contidas, no todo ou partes delas colocando em seu site, cadernos, cartas, Blogs, trabalhos escolares ou mensagens, desde que sem fins comerciais, sinta-se a vontade para fazê-lo, apenas não se esqueça de citar o autor. Qualquer outra forma de uso, cópia ou veiculação só é permitida com autorização expressa e por escrito do autor.

**[www.ITABRA.com](http://www.ITABRA.com)**

## **Prefácio**

Olá amigo leitor. Esta é uma versão curta do meu livro que pode ser adquirido no seguinte endereço:  
[http://clubedeautores.com.br/book/5935--Dor\\_\\_Amor](http://clubedeautores.com.br/book/5935--Dor__Amor)  
Qualquer outra informação, pesquise em meu site:

**[www.itabra.com](http://www.itabra.com)**

Esta versão foi feita exclusivamente como e-book. A versão em formato livro contém um número maior de poesias bem como comentários sobre o propósito e origem de cada uma delas. Se quiser adquiri-lo acesse o site acima ou entre em contato através do meu site.

Agradeço por seu interesse e espero que aprecie as poesias que escrevi. Muitas contém palavras pouco usadas, se precisar consultar um dicionário para entender alguma delas, não se acanhe.

Uma sugestão de um bom dicionário on-line é esta: <http://www.dicio.com.br/>

Boa leitura.

O Autor

São Paulo, 25 de outubro de 1987 A.D.

## **ACENDEREI**

Ascenderei à luz acesa  
no reduto dos imortais,  
onde brilham mil estrelas  
ao olhar dos animais.

Acenderei a eterna noite  
com o fulgor das paixões,  
com a grandeza das maravilhas  
entre rugidos de leões.

Acenderei a luz da cova  
no brado do amanhecer;  
da noite, tirânica era,  
nas forças do Eterno Ser.

Acenderei a luz do fosso  
com o fulgor da última aurora.  
e gritos de horror esperam  
todo aquele que se vai embora.

São Paulo, 22 de outubro de 1988 A.D.

## **Mulher**

Serei o que eu quiser  
no rastro de uma mulher.  
Serei como uma flor  
no jardim de seu amor.

E viverei eternamente  
no seio de sua mente.  
Dessa mulher triunfante,  
entre beijos navegante,  
em sua volúpia e ardor;  
do vagalhão de seu amor  
verte paixão seu semblante.

Viverei nessa mulher  
e tê-la-ei como quiser  
ao meu lado perpetuamente,  
pleno da volúpia envolvente  
do amor dessa mulher.

Nesse amor que nos envolve  
como ar, e nos comove  
a natureza abrocha em flor.  
Celebrando a união,  
em um só coração  
das nossas vidas e amor.

Belo é o prazer de a amar  
e em seu corpo navegar,  
em seu amor "caliente"  
do seu corpo envolvente,  
saboreando-o totalmente.  
Ao seu lado quero estar!

Serei o que eu quiser  
no rastro dessa mulher,  
desse amor que me alucina  
e cativa minha alma  
qual lírio, qual palma  
no colo de uma menina!

Serei o que eu quiser  
e para sempre viverei  
a amar essa mulher!

São Paulo, Janeiro 2006

### **Quem sabe...**

Quero mergulhar no mais profundo do seu ser  
Para descobrir seus mistérios, seu medos  
Conduzi-la por estradas seguras, protegê-la  
e te libertar de si, de suas angústias.  
Torná-la uma nova mulher, plena e feliz  
E, quem sabe...  
Quando isso ocorrer você possa me olhar  
nos olhos e dizer que me ama  
que me ama tanto quanto eu amo você.

São Paulo, 1 de dezembro de 2002

### **Versinho**

Poesias são rosas nas formas de versos,  
que cantam suave canção,  
murmúrios de nossos universos,  
suspiros do meu coração.

São Paulo, 3 de agosto de 1989 A.D.

## **À natureza**

Amo-te estrela cintilante,  
Amo-te Sol a me esquentar,  
Amo-te Lua, tema amante,  
Amo o ato de te amar.

Dou-te-me hoje, a cada instante.  
Dou-te-me sempre, eternamente.  
Tu és bela, tu és constante.  
Quero-te bem, feliz, contente!  
Sou teu já, minha querida.  
Somente por ti morro de amores  
e de ti não aceito despedida!

És tão pura, docemente...  
Beleza feita de infinitas cores,  
tu és tudo, a própria vida.

São Paulo, 09 de agosto de 1989 A.D.

## **A VIDA**

A vida, doce lampejo  
do amor e da ternura,  
enlouquecida pelo desejo  
é coberta pela amargura.

A vida de serena mansidão  
à vida do vivo vivente  
é vida de um coração  
vivendo a vida plenamente.

A vida sem indiretas  
ou por caminhos do prazer,  
estradas por vezes incertas  
que arrebatam todo o ser.

Viver e estar vivo,  
ensandecido na existência.  
Verbo puro, intransitivo.  
Doce alvura ou penitência?

Viver! Até que um dia,  
já vivenciada toda a sorte  
advém a descoberta, que alegria,  
de que se vive após a morte!



São Paulo, 09 de agosto de 1989 A.D.

## **Menina morena**

Encontrar-te na alvorada,  
doce menina morena,  
imaginar-te desnudada  
de expressão calma e serena.

Se te visse enlouqueceria,  
sem vê-la também enlouqueço.  
Possuir-te me destruiria  
de amor, então padeço.

O teu olhar me desarma,  
o teu sorriso me alucina,  
talvez seja meu carma  
amar-te, linda menina.

Espero um dia, morena,  
resolver esta questão:  
se amar-te vale a pena  
ou se isto é pura ilusão.

Se for só ilusão,  
um simples sonho de amor,  
então meu coração  
despedaçar-se-á em grande dor!

Mas, se este amor valer,  
encontraremos a felicidade  
unidos como um só ser  
a amar pela eternidade!

São Paulo, 1 de setembro de 1989 A.D.

## **O Sol eterno**

Vendo a brisa sombria,  
que fulgura na negra noite  
e lança folhas na pradaria,  
brilha o céu da tua morte.

Lembras do dia que foi belo  
no qual o Sol viu-te, a mocidade.  
Vivencia a vida, transpõe o elo  
e já cintilas pela eternidade.

Abandonas de teu corpo o seio  
e de tua juventude o verão,  
o que já não é, mas que te veio  
a fim de ampará-lo nesta solidão.

Eis teu medo de outrora, infundado.  
Pois de beleza vês toda a sorte,  
O cosmo universal, por ti habitado  
que fulge pela luz da tua morte.

São Paulo, 17 de outubro de 1990 A.D.

À

Quando a olhei perdi meu caminho,  
consolado no tempo por teu jeito felino  
de me amparar, não me deixando sozinho.

Vislumbrei a ternura de teu esplendor,  
em teu gesto e falar senti teu carinho  
em teu jeito de olhar admirei teu amor.

Talvez não possa dizer-te agora  
que longe de ti meu dia é tormento,  
minha noite é tédio, o ar me sufoca,  
a vida sem ti é só sofrimento.

Talvez seja por medo que teu gesto macio  
de meu tato se esvaia, deixando teu nome.  
E então ao meu lado só fique o vazio  
e, num bloco qualquer, o teu telefone.

São Paulo, 2 de maio de 1991 A.D.

## **Do positivo ao negativo**

Percorre, o elétron, o árduo caminho  
iniciado num gerador, mas não segue sozinho:  
do turbilhão magnético que está a girar  
incontáveis elétrons partem sem parar!

Junto aos irmãos caminha no metal,  
com rapidez próxima à da luz,  
movido por uma "diferença de potencial"  
batizada "voltagem" que o conduz.

Tantos elétrons por segundo, na amostragem,  
o elevado número de "Coulomb" nomeado,  
mostra-nos, da corrente, sua "amperagem".

E a energia de sua passagem  
até o ponto extremo, negativado,  
é, por todos, chamada "wattagem".

Cornélio Procópio, 24 de Abril de 1992 A.D.

## **Meu sonho és tu**

**V**ago no tempo, errante...  
**O**nde que eu vim parar?  
**C**aminho dentro de um sonho  
**Ê**m qual busco te encontrar.

**É** nessas horas eternas,

**M**inha querida rainha,  
**I**mpérios por sobre a Terra,  
**N**inguém ai me detinha!  
**H**avia um recanto dourado,  
**A**mor de meu coração,

**F**ui eu lá encantado,  
**E**ncantado por tua canção.  
**L**utei sem qualquer motivo,  
**I**lhéu neste mar de ilusão,  
**C**horei para vences e vivo  
**I**merso nesta oração.  
**D**ei-te minha alma cativa,  
**A**bri-me inteiro a ti;  
**D**o amor, és tu nativa  
**E**m meu coração a estrugir:

São Paulo, 14 de agosto de 1995 A.D.

## Lembrança

Doce falta que me fazia  
a mulher, flor do passado,  
que fulge em minha ecmnesia  
radiante e bela, ao meu lado.

Sob a luz dimana a vela  
lembranças que minh'alma vela  
deste grande amor revel.  
Bem de minha juventude,  
tempo no qual amiúde  
encontrava-me perto do céu.

De ti despeço-me em outrora,  
vivo, em meu coração, contigo.  
Pois, Rúbia, se fui teu amigo  
hoje, você em meu amor mora.

Cornélio Procópio, 03 de julho de 1992 A.D. (data de compilação).

## **Caminhos à noite**

Me vou a vagar pela noite  
procurando sem nunca achar,  
indo a esmo, fitando o horizonte  
afogado no umbral do negro mar.

Brado um grito surdo, no silêncio a cantar  
cânticos calados, soluçados na amplidão;  
Vozes inexistentes sempre a esvurmar  
os fantasmas passados do meu coração.

Réquiem de gemidos, soprados ao vento,  
nas trevas do vazio, onde tudo é perigal;  
sinistra sinfonia de uma orquestra magistral  
acalenta minha alma, vida, pensamento.

O orvalho noturno, ao molhar-me, fazia  
com que sentisse o frio da insensatez,  
abraçando-me todo cortês  
para render-me nesta porfia.

Por estes caminhos de ruas desertas  
peregrino só, atrás desta flor.  
Rumo calado, estradas incertas,  
onde se encontra o meu grande amor?

Este amor que encontrei na fugacidade  
do tempo do mundo em que o perdi.  
Quero reencontrá-lo na eternidade  
onde, é verdade, sempre o vivi.

Cornélio Procópio, 3 de julho de 1992 A.D.

## **A morte**

Grito de dor e recolho meus destroços  
perdidos no orvalho desta noite infecunda,  
pois a letargia larval da carne imunda  
leva a corrupção até aos meus ossos.

Angustia-me ver o ser tão medonho  
no qual transformei-me pela desgraça.  
Deixarei o fétido pó por herança  
após a hórrida e macabra festança,  
do derradeiro e insólito sonho  
da putrefação absoluta da minha raça.

Ainda que ousassem dizer impropérios  
pelos vexames que são suas feridas,  
ninguém escaparia dos cemitérios,  
os lares eternos das carnes prostituídas.

Obediente porém a estas normas  
vou transformar-me em novas formas  
que na sensualidade da simbiose  
pasmam em lúgubres prazeres  
uma multidão de famintos seres  
que autopsiam a minha neurose.



Eis que no eterno lar subterrâneo,  
no frio das noites derradeiras,  
com incontáveis larvas companheiras,  
repouso cansado o meu crânio.

E todo aquele viver augusto  
dos curtos anos do meu meretrício  
abandonou este ser vetusto  
neste orgíaco orbe do vício.

Sapróbios e gusanos façam-me companhia  
na úmida algidez desta morada fria,  
levai vossas vidas devorando-me a mim.  
Que essência, que gosto, é fato perfeito  
pois sou vosso prato, maternidade, leito...  
Jamais tive tanta utilidade assim!

Larguei o egoísmo do nascimento  
pelo aberrante sonho dos suicidas  
e a despeito de meu consentimento  
venho a mutar-me em novas vidas.

No turbilhão desta última existência  
quando findar-se também esta euforia  
ver-se-á, quiçá, liberta minha demência  
na eterna fugacidade da energia.

São Paulo, 17 de abril de 1993 A.D.

## Ode à morte

Eido do humano pardieiro  
onde o mesmo por fim repousa,  
branca bacante final, esposa  
do homem em seu sono derradeiro.

Pecha pervígil dos sem postrídio,  
dos perdulários da própria existência,  
atro rastejante, infenso ofídio,  
poterna do efúgio de toda a indolência.

Tebaida dos inquietos, eterna vigília  
daqueles que dormiram enquanto vivos,  
revele-lhes os segredos supervenientes,  
o lar final, a última família.

Os seres perituros com vasta jactância  
zombam de ti e de teu glorioso ofício  
mas, sem tir-te nem guar-te, teu meretrício  
draga-lhes, inexoravelmente, a alma insana,  
dos gáudios, da psicastenía de infância  
como horrenda helobdela procustiana.

Das ferinas larvas lhes dais as hécebras  
que acariciam num rastejo de cobras  
os hirsutos ossos, refugos da efusão  
da sibarita essência de viver  
pois, de todas, as últimas verdades são  
as do lusco-fusco do não ser.

Espurcícia da vida final, a morte;  
lividez do sabagante, a hebetude;  
exara o érebo do estro rude  
que o homem é teres desta sorte.

Sua gambeteante vida, o amor,  
volve com simbiose, em fuga!  
Progênie da acossante dor  
que o prândio final estuga.

Prolate pois, elado juiz,  
o fim de meu pantagruelismo  
porque sei que a causa do cinismo  
é o medo das coisas que não fiz.

São Paulo, 7 de maio de 1993 A.D.

## Filho meu

Sangüíneo rebento de minhas entranhas,  
gigante telúrico, eiva de meu falo,  
como pude, eu, assim, hebetamente criá-lo  
de forma a ver-te em ações tão estranhas?

És flagelo jactancioso da herculice jovial,  
perdulário de sua pobre alma humana,  
que jazes na estultice insana  
no nenhures, pelas hécebras do mal.

A memória de teu pai lanças aos ares,  
o senecto caminho que a ti ergueu,  
por isso dize, dize filho meu  
o que te fiz, eu, para assim tu me tratares?  
Acabrunhando-me com os revoltos mares  
que surgem do crânio teu?!

Ao nosocômio sampas teu hígido pai,  
lôbrega senda, caminho deletério,  
pródromo grotesco do soturno cemitério  
onde para sempre repousar minh'alma vai.

Dize, filho meu...

O que te fiz eu  
para assim me desprezares?

Nas cãs deste teu pai vetusto  
observas tua própria sina  
Teu futuro... Uma vida que desatina  
por teu procustiano e obnócio hausto.

Sim, filho meu...

Digo-te, digo eu  
que assim qual me tratares  
tratar-te-ão os indômitos mares  
que rebentas sobre o pai teu!

E este será o postrídio vosso:  
A felicidade paleada de um insano.  
Por quem, enfim, lamentar já posso,  
vendo-o perdido neste infenso engano.  
Rezarás para morrer na juventude  
pois o senil é o érebo para ti.  
Da forma que me tratas assim vi,  
mas deixar de envelhecer não pude!

Outrora tinham-nos por sábios ...

Hoje? Estorvo e nada mais!

Mas a velhice é o tal cais

no qual todos esperam repousar;

não prevêem o fim sombrio

quando a morte que nos leva a vida a fio

nos pára de infectar teu ar.

É, filho meu, este velho genitor teu

lutou e cansou sua mente

para criar um pérfido delinqüente

que para longe de si lhe bateu.

Mas sempre saiba, louca criança,

que os elísios campos da esperança

aguardam teu idoso pai.

Sabedor de ter cumprido o dever

de ter sustentado e educado teu ser

e que hoje, em desgraça, vai.

Filho, embora longe dos braços meus

quero a ti com amor expressar

o meu último e derradeiro adeus.

São Paulo, 2 de setembro de 1995 A.D.

## **Estrofe**

Magdeburgo,  
Brandeburgo,  
outro burgo:  
o coração.  
Queima a alma  
a tristeza.  
Chama a vida,  
que dureza;  
esta dor  
se fez canção!

São Paulo, 8 de janeiro de 1996 A.D.

## **Carrossel**

Vida;  
há menos males na vida.  
Há menos vida nos males.  
Há males, menos vida;  
vida há, menos males.  
Há vida e menos males.  
Males, vida há menos.  
Vida, menos males há...  
Menos  
males há ?

São Paulo, 16 de agosto de 1995 A.D.

## Consciência

Prédica dos cruéis deuses, fancaria!  
Paradigma; do palrar paroxismo.  
Vereda nutante do impérvio cinismo  
que a nefasta ignária viva faria.

Ilida a ilibação deste tugúrio:  
o ulo do undícola leviatã.  
Ínclito preconício do augúrio  
da nolição do dia de amanhã.

Hécebras da postimaria da incoação  
que cá deixa-me deveras cogitabundo:  
Será infrangível este mundo  
ou aclasto o alcândor da criação?

Tiade ubertosa do inconcesso,  
ignota ilação da cosmurgia,  
cessai do imperfectível indígete, a porfia  
que os homens emanam do cerebral abcesso.

Esbrugue do agro elóquio,  
cuja embófia é profícuo campo.  
Eis a pecha que para além sampo  
no devir alteroso deste colóquio:

Chã toleima, vitupério sobejo,  
écbase putativa da síncrize desavida.  
O ser epigenético é o qual vejo  
na emérta ementa dessa vida.



São Paulo, 29 de setembro de 2002 a.D.

## O chat

Imagino seu olhar distante... perdido....  
Sua aparência cansada, abatida...  
A mente vazia, vagando a esmo...  
Sem saber para onde ir...  
Na telinha letras pipocando...  
De alguém que você não conhece...  
Mas que, de alguma forma, está ligado a você...  
à sua mente...  
ao seu coração...  
Letras digitadas por dedos que anseiam tocá-la.  
Acariciar seus cabelos...  
Seu rosto...  
De alguém que adoraria ninar você...  
...em seus braços....  
Nessas horas difíceis.  
Ser um berço para seu descanso...  
te protegendo, ainda que por momentos,....  
de tudo que há ao redor...  
Fazendo um mundo pequenino...  
mas que cabe em seu coração.  
Por você.

São Paulo, 31 de agosto e 1o de setembro de 1995 A.D.

## **Funérea era**

Oh, solene tristeza a latejar a vista,  
poema negro do tempo que escoá.  
A vida cede, a morte a conquista,  
segundo a segundo, uma luta à toa.

Clamor da forma imprecisa,  
no relógio ouço os passos da Morte.  
Perto, o Grande Dia, funérea sorte,  
que abater as esperanças precisa.

E, em pouco tempo, me vou  
para o vale das sombras eternas.  
Morada lúgubre, na qual me internas  
ó sânie, que meu sangue mudou.

-----

Canto em meu teatro, o ataúde,  
músicas de sonhos, dores, quimera!  
Choro na vazia amplidão, amiúde,  
o último ato de minha era.

E aplaudido sou, isto e sei,  
pelo borbulhar da carne azeda.  
Cobrem-me os vermes com sua seda,  
este vil séquito fez-me seu rei.

Rei e ator da peça morta,  
encenada em belo palco etéreo  
encerrado na entranha do cemitério  
pleno da nódoa que a alma aborta.

-----

Doe-me o ventre, que agonia.  
Custa-me crer que houve dia  
em que, a esmo, vaguei feliz.  
Agora cá estou... Desesperança!  
Vida, fizeti comigo nova aliança  
perdoai se outrora não a quis.

Ouvi meus prantos e gemidos  
que ecoam pelo sulfídrico gás.  
Peço : Não olheis para atrás,  
para os erros dos tempos idos.

Não sejais como um etopeu  
mas vede o meu s6lio de ruína!  
O refugio desta carnificina  
outrora foi o viril corpo meu.

Mas que adianta dialogar contigo,  
soberana do bivaque perituro?  
Por minha distansia eu juro  
que, embora morto, sou teu amigo!

Que desgraça, perda, que desilusão.  
Não fiquei, eu, a pensar no porvir.  
Eis que chegou a hora de partir  
estando, eu, com as "calças na mão".

Porcaria! Meu grito ecoa na parede  
e retorna aos meus sensíveis ouvidos,  
acabrunha até meus ossos frangidos  
pela umidade da infinita sede.  
Por que, por quê Me pergunto.  
Seria difícil ter pensado um minuto  
em qual fim acabaria chegando?  
Mas eis que só penso quando,  
depois de um passado fajuto,  
podre, ao pó da terra me junto.

Estultice é a essência do homem.  
Vida procaz, sem sentido, ao léu;  
raro é alguém ocupar-se com o céu,  
com as próprias vidas os tolos somem.

Espanta-me loucura inimiga:  
Um coração que a própria morte abriga,  
uma existência imersa na tortura.  
Cruel algoz, afundas-me em trevas!  
Poderia, eu, argüir-te, porventura,  
sobre os lucros que tu levavas?

Que ganhais com meu sofrimento?  
Por que fazeis questão desta desgraça?  
Criatura sombria, vê se passa!  
Voe embora! Imite o vento!

Mas esta é a verdade evidente:  
Temos que pensar também no futuro!  
As ações hoje são, do amanhã, apuro.  
Não sede, ó homem, um inconseqüente.

-----

Aqui estou a presenciar meu ocaso,  
perdido e confuso em um labirinto.  
Assombrado é fato e não minto!  
Beneficiar-me-ia, a mentira, acaso?

Só tenho comigo uma crença,  
aprendida à força quando vivo:  
Nada ocorre sem algum motivo,  
tudo concorre para que o Bem vença.

Por isso, se assim é, quem sabe,  
se por mais imerso nesta podridão,  
não haja uma chance de glória, então?!  
Seria isto uma antítese espúria  
ou o erro combatendo o Bem com fúria  
é capaz de vencê-lo de modo completo?  
Não seria est'outro o pensamento incorreto,  
uma conclusão que na sentença não cabe?

São argumentos do se, do talvez.  
Eu, no meio da lama, só vejo  
o meu ser, excremento sobejo  
de minha dura cerviz, feia tez.

Atuações nefastas levaram meus sonhos.  
Já nem mais sei o que me reveste.  
Estou acompanhado numa solidão agreste  
por pequenos seres que me devoram risonhos.

Nitescência supernal da cena dantesca,  
brilhando em meu funéreo palco derradeiro.  
No orco, minha carne outrora quente e fresca  
alimentará as raízes, quiçá, dum limoeiro.

Ou, talvez, de um simples capim!  
É o ciclo da vida; a natureza o exorta.  
Vive a vida de substância morta!  
A vida devora inclusive a mim.

Decadência final da existência  
de um, mal em prol da posteridade.  
Como a água da chuva. Que sobriedade!  
O viver, do morrer, é excelência.

São Paulo, 4 de setembro de 1995 A.D.

**Ahhh !**

Hei de vencer a tristeza,  
hei de vencer a agonia.  
Hei de vencer, fantasia!  
Hei de escrever a poesia.

Eis a certeza que sinto;  
Ei-la, a promessa, minto?  
Eis o sombrio labirinto;  
sim, do meu 'Eros' faminto.

Cale-se, boca, és minha!  
Cale-se, saudade mesquinha!  
Cálice de vigor e glória.  
Hei de vencer a vitória;  
eis a vitória da História,  
ela que no tempo caminha.

Hei de ser o que posso!  
Poderei ser o que pude?  
Creio ser assim algo rude,  
virtude do que é nosso.

Creio creres que cri,  
afinal, sei saberes de si!  
Beleza que jamais vi,  
entregar-me-ei, juro, a ti.

Hoje e sempre. Isto hei!  
Hei porque ora terei  
a grandeza de ser rei!  
Chefe do profundo fosso  
que cerca a nossa grei  
impávido, robusto, grosso.

Hei de vencer o que sou;  
hei de ser o que ganhou.  
Ganhei para ti meu destino...  
Ser teu prisioneiro é divino,  
ser teu "e" e não "ou".



Hei de erigir o muro  
alicerçado em tua morada.  
Aqui estou, almejada;  
viver sem ti é mui duro.

Vivas comigo, querida.  
Sintas a dor sentida  
no espaço da emoção.  
Da minha vida és duração,  
não cesses meu tempo assim!  
Sem ti, pobre de mim,  
acabarei, eu, moribundo!  
Maior é a tristeza que o mundo  
por tua atual despedida.

Amo-te, donzela amada.  
Tenho a alma roubada  
pela criatura mais pura;  
plena de doce candura,  
quero-te e a mais nada!

São Paulo, 25 de agosto de 1995 A.D.

## **O trem de ferro**

Ouve-se o aviso: Vai partir!  
E parte o trem de ferro, fumegante  
com a força de um gigante,  
feito Fênix feroz.

Fazendo o seu caminho de esperança  
finca fogo, fumo lança  
fulgurante e veloz.

Caminha furioso a senda sua  
sobe serra, corta rua,  
não lhe há nenhum labéu.

Levando a sua carga pelo mundo  
não perdendo um segundo,  
percorrendo terra e céu.

Bate seus pistões com energia,  
faísca roda, que euforia,  
tens horário a cumprir!

Corre, logo chegas vigoroso.  
Reduz, chia, chora vaporoso,  
chegaste assim na estação.

Pára, freia fôlego de aço;  
chorando sussurrastes ao espaço  
que também tens coração.

São Paulo, 3 de setembro de 1995 A.D.

## Poesia erótica

Oh, minha amada,  
quero, eu, tocar-lhe as pontas rubras  
que emergem de tuas carnes macias.  
Envolva-me, com o teu corpo o meu cubras  
nas mais fantásticas fantasias!

Sinta minhas mãos tocando a pele tua.  
É magnífico ver-te ao natural, nua;  
sentir o calor de teu corpo junto ao meu.  
Teu aroma, teu frescor, tu me inebrias.  
Amada minha, quero-te em mil orgias.  
Lindo é o amor que em nós nasceu!

A tua fenda virginal penetro  
qual rei, com meu poderoso cetro,  
a fim de arrancar teus doces vagidos.  
Satisfaz-me tua toca de amor.  
Tomo-te inteira, corpo e calor,  
úmida e quente. Que belos sentidos.

Teus lábios tocam-me sofregamente  
para à minha unir a tua mente  
no êxtase dessa volúpia. Carícia,  
coisa tão suave, gostosa, delícia  
que só tu, amada, podes me dar.  
Dou-te minha força, ternura...  
É sem par, amada, tua formosura.  
Ao teu lado embriaga-me o ar.

Paixão arrebatadora que sinto!  
Não suporta-a mais meu instinto.  
Teus cabelos, nuca fazem-me delirar!  
Apalpo e mordo teus seios, amada,  
e sorvo em tua boca desvairada;  
teu corpo contorces para mais excitar.

Mais, mais e mais! Quero-te inteira,  
porque tu és ciência verdadeira,  
da natureza és a criação mais bela.  
Teus pelos, olhos, mãos que me tocam  
fazem perder-me, no céu me colocam;  
penso, então: "Que mistérios há nela?!"

Criatura amorosa, doce, perfeita.  
Cujo contorno ao meu se ajeita  
em um encaixe exato ... Meu afã.  
Possuo-te, ó musa de meu ser;  
desejo-te, és única, a que quero ter!  
Nosso suor, o orvalho da manhã.

Some o mundo ao nosso redor,  
este instante é todo perfeito.  
Nosso mundo está aqui neste leito,  
o que fora há que lhe seja maior?  
Só Deus! Agradeço-O por ter-te feito,  
ninguém saberia fazer-te melhor!

Na lascívia eu sou contigo.  
Saboreio o sal de teu corpo amigo;  
o corpo que deixa-me mui feliz.  
Faces de nossas sublimes entranhas;  
coisas que ocorrem de formas estranhas:  
Nunca o teu corpo, mas a ti eu quis!!

Oh, minha amada.

São Paulo, 6 de setembro de 1995 A.D.

## **A Essência da Criatividade**

Rembrandt, Renoir, Dali talvez...

Quem viu a forma do efeito,  
aquilo que ainda não foi feito,  
para quem não chegou a vez?

O vazio estimula a imaginação.

É do silêncio que nasce a canção.

A criatividade é coisa augusta.

Da mente humana é a cólica,  
origem de sua natureza eólica  
que ao tempo e lugar se ajusta.

A forma mais transcendente,  
o mais natural delinqüente  
das visões que os homens trazem.

Quem capturará a idéia?

Quem satisfará sua pornéia?

Em debalde luta todos jazem.

Mas esta busca monumental  
de fato não é nenhum mal,  
porque é profícua em criação.

A mesma idéia em mil cabeças  
produz, disto não te esqueças,  
milhões de sonhos. É a inspiração,  
a mais linda balada seral  
do amor no íntimo bacanal  
da alma, a queimar com fogo são.

A idéia pura é coisa divina  
que, presa na mente pequenina  
do homem, explode em imagens mil.  
Arrebatando se coração ao céu,  
espalhando o seu olhar ao léu ;  
pasma íncola do excelso redil.

Aprisco de toda a dialética  
que analisa a forma céptica  
da imagem jamais vista.  
Mas, se usarmos a nossa lógica,  
perceberemos a natureza mágica  
dessa vitória sem conquista.

Um fim que não teve começo.  
Um frio que abrasa e inflama.  
Da água uma altaneira chama.  
Da ambição humana o tropeço.

Idéia, que és de fato?  
Serás sempre o abstrato  
devaneio de nossa mente?  
Minha musa, vinde a mim  
o a refrega não terá fim!  
Sintas o que minh'alma sente.



São Paulo, 22 de janeiro de 1996 A.D.

## **ELEGIA A MEU PAI**

Será possível cantar quem já pranteia a lousa,  
Quem come o fósmeo sofrer desta vida dura,  
quem por sobre a cabeça grande mágoa repousa,  
quem em sã consciência almeja grande loucura?  
Quem pode cantar se viver sequer ousa?  
Quem pode viver se o canto já não perdura?  
Louca, louca loucura, te tornaste senhora de mim,  
o pobre e errante caminheiro desta jornada sem fim.

Haveria, samicas, resposta para algo assim banal?  
O excídio das esperanças de um arrebol triunfante?  
Talvez, em torpes aprestos de voga circunstancial  
que queima a alma dos homens: avante! avante!  
Avante ao destino comum de todo o ser animal,  
inseto ou vegetal quer seja micróbio ou gigante;  
faça força ou se deixe é um porvir necessário  
que chega a qualquer momento, em qualquer horário.

Somos, então, pré-espectros no curso da vida,  
titônia da tarda manhã... verdade crassa,  
pesquisada, escrutada, por todos argüida;  
exalçada, enludrada, cingida a esta raça.  
Senda, vereda, caminho que é só de ida,  
pando orco, sua infrangível vontade faça!  
Destile teu fel na taça que me inflama,  
tornai-me outra vez um monturo de lama!

Um adubo ruim para as eternas hortas,  
neste ciclo sem fim que a dor executa.  
Afinal, todas as realidades são mortas?  
Será, o mundo, uma imensa gruta?  
Jamais fecharás tuas horrendas portas?  
Jamais nossa raça se entregará sem luta?  
É, triste amigo, não és disgenético fulcro...  
Todos os que vivem alimentam-se do sepulcro.

É para onde todo o alimento vai  
antes de tornar-se nosso refez sustento.  
Com distansia para ti foi meu pai  
que passou pela vida qual lufada de vento.  
Eliciado do mundo deixou-nos seu "ai!"  
Seu grito de dor o qual esquecer tento.  
Quem foi o meu pai hoje é repasto de vermes  
no asilo malsão dos humanos inermes.

Podre, meu pai, branca flor da esperança,  
Ândito onde brotara a tórrida semente alva;  
lados quebrados de um esqueleto que dança  
na inópia, fustigando a tua cabeça calva.  
Imerso no prélio com sua dúbia pujança,  
ázigo tal qual a andeja Estrela D'alva,  
foste o herói dos primeiros tempos meus  
e partiste para a refrega sem sequer um adeus.

Mas és herói e heróis jamais fenecem,  
ainda que a helobdela do tempo sugue a tua glória.  
Serás evictor do que ela te deixar sem!  
É insofismável o que deixaste na memória  
daqueles que sempre, em vida, te quiseram bem.  
Isto os vermes não podem roer: A História!  
Que conosco sempre viverá! Dia após dia fica,  
mesmo que o tempo atrapalhe, tua lembrança mais rica!

Amante da haliêutica, foste grande seribeiro,  
preletor dos amigos nesta arte supernal.  
É unânime: para todos foste grande companheiro.  
Nunca prodigalizaste para alguém qualquer mal.  
Foste opima efígie do humano verdadeiro,  
meu pai, de quem me orgulho, meu palinuro, meu sal.  
Assim, mui honrado, como tua semente derradeira  
carregar-te-ei comigo, em meu ser, a vida inteira.

Farto do sangue que flui de outras eras  
sou de teu sêmel não mais do que o resto.  
Desta tua linhagem que nobre é, deveras,  
talvez eu não passe de excremento funesto.  
Não sei o que de mim, pai, tu esperas,  
não sei se o meu viver será assim policresto.  
Desejo o gáudio como epígono de meus ancestrais,  
epínicio de nossas existências consubstanciais;  
isto sempre foi para ti manifesto.

Esta elegia, pai, canta a dor imarcescível  
da ausência que sinto, mas tenho certeza  
que na realidade a vida é bem mais incrível  
do que aparenta em sua atual natureza.  
Talvez haja um outro mundo, invisível,  
no qual o amor seja posto à mesa;  
em que se beba o júbilo e a glória ilumine  
o Eliseu Eterno, onde a morte termine.

São Paulo, 28 de fevereiro de 1997 A.D.

## **TeleMundo**

Eis-me diante da caixa sintética  
a ver, entediado, a imagem cinética,  
o ádito atual dos tempos idos,  
"flash" de meu momento contemporâneo.  
Grotesco semblante de meus sentidos,  
és fogo brilhante de silício e germânio.

Defronte a mim o esgoto do mundo  
a aborrecer os instantes da vida;  
Tampa do abismo, imenso e profundo,  
do vagar solitário da alma sofrida,  
consuma meu tempo, segundo a segundo.  
A vida não vivida, apenas assistida,  
tomada pelo fulgente flagelo flébil  
que domina os rincões de meu grande Brasil.

Sua torpe alegria refaz-se na orgia  
da minha consciência que se esvazia  
por minha musa animada, mas fria.  
Vampira do tempo de meu infeliz viver,  
sonhando vidas que não poderei ter.

É, pois, muito triste quando se olha  
não havendo, contudo, nada a ser visto!  
Eis meu dilema, então será isto?  
Chegamos a um paradoxo vulgar,  
perdendo o precioso tempo da vida?  
Como a areia da praia fustigada pelo mar,  
sereno observo a caixa querida.  
Oh, tela vítrea, que me delicias,  
roubaste meus sonhos com tuas fantasias.

Espelho espectral da humana miséria,  
"bola de cristal" em ti meus irmãos vejo,  
vejo a vida louca, peremptória, funérea  
e ignotas coisas passam a ser meu desejo,  
sua massa de informações deletéria  
rói minh'alma com encanto sobejo.  
Flibusteira criatura, suserano duende,  
será que alguém, de fato, a compreende?

Não dás tempo ao raciocínio nosso,  
alternas tristezas com festivas alegrias;  
já nem mais chorar consigo ou posso,  
ainda que tornes minhas horas sombrias.  
Sou eu um escravo de tua galimatias.

Criaste em mim um eu estranho,  
um ente vazio, sem forma e tamanho,  
tornaste meu riso tão tolo e fútil  
que vejo-me, agora, mísero e inútil.

Vejo meu reflexo em rostos desconhecidos.  
Dás-me amigos e incógnito me deixas!  
Já não há quem possa ouvir minhas queixas!  
Nós, telespectadores, fomos, enfim, vencidos,  
e agrilhoados em tuas coloridas madeixas,  
nos doces encantos das luzes e sonidos:  
imêmore essência da existência passiva,  
do ser acefálico, da vida aíva.

A radiofreqüência, ó caixa boçal,  
é epinício que canta em tua igreja;  
o canto ubíquo, iníquo, sempre igual,  
que em teu palco de vidro lampeja,  
é para os homens pando portal,  
pulquérrima férula, vilã benfazeja.  
Permitis que eu possa estar com meu irmão,  
tua radiofreqüência porta meu coração.

Fazeis companhia à minha solidão,  
solidão por ti mesmo causada!  
Não me dás alegrias, não! Não!  
Tua amizade é muito pesada!

Tenho apenas imagens de amigos,  
que me desconhecem pelas mentiras tuas!  
Quem passa se apressa pelas desertas ruas,  
Já não há ninguém ou algo... Nada!

Devo-te o ilotismo, a adinamia,  
a falta de rumo, senda ou destino;  
ressecas-me mais que o sol a pino,  
vezo-me no nada, no que eu queria.  
Estou morto para a teleologia,  
sou seu extrato: uma mente vazia!

São Paulo, 23 de março de 1997 A.D.

## **O Ataúde**

As doces esperanças me fazem sofrer  
e se sofro já não é sem um motivo,  
se há algo chato em se estar vivo  
é a amarga certeza de que se vai morrer!  
É esse se, se, se tão repetitivo,  
sino chiante do tempo esquivo,  
da vida que se esvai por entre as mãos;  
tormento infame para toda a alegria,  
uma suave e eterna nostalgia  
de todos os momentos finais e vãos.

A vida: melodia cega e sem flores,  
pois a alegria, da morte, tem os olores,  
é a fina flor do tempo além.  
Sim, a morte sempre nos vem  
Já não há o tempo que volve...  
Sombria neblina que nos envolve,  
serás, sempre, ladra de nossos amores?

Serás intrusa em nossas plagas,  
alívio cruel das vidas agras,  
soneto gentil, insueto e servil?  
Musa triste da funérea sorte,  
dor infinda de quem vive a morte,  
torpe flagelo, quem já não te viu?  
Desde o berço ou antes nos toca,  
procura levar-nos para tua toca;  
vai-te embora, para quem te pariu!

Pois se sou mortal a saúdo,  
mas não podes esperar, contudo,  
que a ame, coisa sombria.  
Tua presença é nefasta e esvazia  
qualquer felicidade que eu possa ter.



Me persegues com a suprema lembrança  
de que em meu peito encravaste tua lança  
e que tua mão o meu futuro alcança  
para levar-me sei lá para onde.  
Que direito tendes? És senhor, conde?  
Quem determina assim meu destino?  
Mas se fores um mensageiro divino  
que vais levar-me ao céu,  
vinde logo, pois isso é, amiúde,  
boa coisa, mesmo que o ataúde  
seja sempre um sinistro labéu.

Seguirei a ti minha musa  
dê-me a mão e então me conduza  
para os lindos campos elíseos.  
Meus gestos bons sempre frise-os  
procureis esquecer meus pecados.  
Pois desta vida sempre foram enfados  
que logo quero esquecer.

Sede assim uma suave guia  
minha mensageira sombria,  
livrai-me da angústia e sofrer.  
De forma que quando morrer  
sejam ceifadas as dores da vida  
mas as alegrias tenham guarida  
para sempre no meu coração.  
Quero levar só as boas lembranças  
que a morte seja a vida que lanças  
para a eternidade e além.

Para além do tenebroso destino,  
para além do tempo pequenino  
que pude usufruir aqui.  
Não és termo, mas esperança estampada,  
uma belíssima e ilimitada estrada,  
glória maior que tudo o que sofri.

Se é para morrer que vivi  
quero morrer para viver  
nas doces entranhas de teu ser  
musa eterna e sempre fiel  
Beba comigo esta taça de fel.

São Paulo, 21 de novembro de 1996 A.D.

## **ANIMAAL**

Miolos que bolam minhas fobias,  
química, química de meu pensamento,  
cale a tristeza, há muito eu lamento  
o desconhecido, as respostas vazias.

Vede minhas vísceras a recordarem  
a animalesca essência de meu ser.  
O sangue que jorra me faz morrer,  
faz-me cair, podre, no chão,  
faz-me abominável, que humilhação !  
É desagradável saber-se animal  
quando possui-se alma imortal !

Miols, que droga, que coisas mesquinhas,  
pensares em si e a ti pesares,  
medires, querereres, lance aos ares  
tuas endechas da vida que tinhas,  
tuas queixas das noites sozinhas,  
quando repousaste na palma da mão  
buscando, à toa, tua consolação  
somente somando o fogo das vinhas.  
Da alma ébria, cheia de química,  
de um cérebro escravo do futuro de si,  
monte de lama, nobre, anímica,  
fuja logo, pois, agora, morri !

São Paulo, 10 de janeiro de 2001 a.D.

## **O que eu quero**

Corro, grito, vago errante  
em um solitário deserto distante  
numa busca frenética, insana,  
atrás do que não me completa  
louco fica meu coração de poeta  
mas eu só quero você, Ana.

Trabalho incansável por riqueza  
que sei que virá, tenho certeza!  
Mas não por avareza tirana.  
Pois tudo o que mais desejo  
é seu calor, seu amor, seu beijo,  
pois eu só quero você, Ana.

Sua ausência minh'alma oprime  
Meu amor, meu anjo sublime,  
Que encarnou-se em figura humana.  
Alma-gêmea, de todas a mais bela,  
Perdoe-me por esta poesia singela,  
Porque eu só quero você, Ana.

Mesmo antes de conhecê-la a amava,  
Minha inspiração sempre foi sua escrava,  
Sem você minha vida se dana.  
É por isso, querida musa, que digo:  
Que a amo, ainda que seja seu amigo,  
Afim, eu só amo você, Ana.

## ÍNDICE

ACENDEREI .....	5
Mulher.....	6
Quem sabe... ..	8
Versinho .....	8
À natureza .....	9
A VIDA .....	10
Menina morena.....	11
O Sol eterno.....	12
À .....	13
Do positivo ao negativo .....	14
Meu sonho és tu .....	15
Lembrança.....	16
Caminhos à noite.....	17
A morte .....	18
Ode à morte.....	20
Filho meu .....	22
Estrofe .....	25
Carrossel .....	25
Consciência .....	26
O chat .....	27
Funérea era .....	28
Ahhh !.....	33
O trem de ferro .....	36
Poesia erótica.....	37
A Essência da Criatividade .....	40
ELEGIA A MEU PAI .....	43
TeleMundo .....	46
O Ataúde .....	49
ANIMAAL .....	52
O que eu quero .....	54